



INFORMATIVO

O TUIUTI



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

520 anos do Descobrimento do Brasil - 440 anos da União das Coroas Ibéricas - 270 anos do Tratado de Madri - 180 anos da Maioridade de Dom Pedro II - 150 anos do final da Guerra do Paraguai - 90 anos da Revolução de 1930 - 75 anos da vitória da FEB na Itália

ANO 2020

Agosto

Nº 355

MARECHAL LUIZ ALVES DE LIMA E SILVA -DUQUE DE CAXIAS- - PATRONO DO EXÉRCITO - - DIA DO SOLDADO -

NYLSON REIS BOITEUX – Coronel Reformado do Exército. Diplomado pela Escola de Comando e de Estado Maior do Exército.

P **RINCIPAIS FATOS E DADOS BIOGRÁFICOS** – Nasceu em 25 de agosto de 1803, na Fazenda São Paulo do Taquari, vila Estrela, Rio de Janeiro RJ. **Caxias** (LUIZ ALVES DE LIMA E SILVA), foi o maior vulto militar do 2º Império. O maior dos brasileiros do seu tempo. O General mais destacado da América do Sul. Nunca foi vencido. Muito moço ainda (com apenas 20 anos) participou na Guerra da Independência, seguindo para a Bahia como ajudante no “Batalhão do Imperador”, encarregado de desalojar as tropas portuguesas comandadas pelo General Madeira que seguia ordens de Lisboa se opondo à nossa Independência. Fomos vencedores. No Primeiro Reinado, de 1825 a 1829, tomou parte na Campanha da Província Cisplatina, com tanta bravura, que de Capitão foi promovido a Major e lhe foi confiado o Comando das Linhas Avançadas em frente a Montevidéu. A cidade foi tomada. Durante a Regência (a Menoridade) o Major Lima e Silva foi nomeado Comandante do Corpo de Municipais Permanentes, criado pelo Ministro Feijó em substituição aos Corpos de Linha que, por indisciplinados haviam sido dissolvidos. Derrotou no Rio de Janeiro a Revolução conhecida por “Abrilada”. Seu grande prestígio, porém, teve início com a Pacificação do Maranhão onde, em 1839, rebentara uma Revolução conhecida por Balaiada. Nesta ocasião recebeu o título de Barão de Caxias e foi eleito Deputado pela Província pacificada. Em 1842 pacificou mais 02 Províncias: São Paulo e Minas, onde rebentou a Revolução Liberal. Em seguida, em 1845, uma quarta Província é pacificada: Rio Grande do Sul que se encontrava há 10 anos revolucionada (Guerra dos Farrapos). Venceu os rebeldes em Ponche Verde, Triunfo, Camaquã,

Piratini, Cangussú e Porongos. Estala na Argentina a Guerra contra Rosas. Caxias é designado Comandante das Tropas Brasileiras aliadas às de Urquiza (inimigo de Rosas), que foi derrotado em Monte Caseros (1852). Em 1865 rebenta a Guerra do Paraguai, só dois anos depois do desastre de Curupaiti lhe foi confiado o comando das Tropas, mudando o curso da guerra em favor dos Aliados. Curupaiti foi um desastre para a Tríplice Aliança. Um desastre dessa natureza era para desanimar os Exércitos Aliados. Entretanto, a alma patriótica da Nação Brasileira não vacilou um só momento! Concentrando suas energias, o país resolveu prosseguir na guerra, a todo o transe e com a certeza da vitória, pois, à frente de suas tropas estaria aquele que desde os primeiros dias do conflito deveria ser colocado na suprema chefia das operações: **O Marquês de Caxias!** O Ministério de Zacarias de Góis de Vasconcelos, embora liberal, lembrou o nome de Caxias, que pertencia ao partido conservador, para função de Comandante em Chefe das Forças Brasileiras no Paraguai. Caxias aceitou o peso da tarefa e, mesmo com 63 anos de idade, em 10 de outubro de 1866, deu-se a sua nomeação. Caxias seguiu logo para o Sul e, em 18 de novembro de 1866, entrava em Tuiuti, onde foi recebido entre vivas de satisfação de toda a tropa brasileira confiante na estrela do grande militar que há tantos anos combatia, sempre saindo vencedor. Foi Caxias quem, pela primeira vez, utilizou na América do Sul o Balão Cativo nas operações militares como observatório. Os balões foram adquiridos na América do Norte e tinham sido utilizados na Guerra da Secessão. O maior exemplo da utilização desses balões foi a conquista de Humaitá, considerada a Sebastopol da América do Sul. Empregou o telegrafo elétrico possibilitando comunicações mais rápidas para as ações de Comando. Foram construídas estradas de ferro para o transporte de tropas e suprimentos melhorando o nível de atendimento operacional e logístico, embora muito limitado pela pouca extensão das ferrovias. Realizadas ligações por foguetes. Venceu as batalhas de Estero Bellaco, Taií, Itororó, Humaitá, Lomas Valentinas, e Angustura entrando finalmente vitorioso em Assunção. A 05 de Janeiro de 1.869, por doente resignou o Comando e retirou-se. Podemos assinalar na sua vida militar que iniciou a carreira como Alferes e galgou todos os postos até Marechal por Merecimento. Era um Oficial muito culto: cursou com distinção a Academia Militar, dedicando-se a Arma de Engenharia. De Barão foi promovido a Conde, Marquês e Duque. Foi Deputado, Presidente de Província, Senador e Presidente do Conselho (ou Chefe de Gabinete), militou sempre no Partido Conservador. Faleceu a 04 de outubro de 1869 no Rio de Janeiro/RJ.

SOLDADOS DO BRASIL! No nosso magnífico dia (25 de agosto), em homenagem ao DUQUE DE CAXIAS, nome tutelar do Exército e vulto imortal da Pátria, prestamos respeitosamente: NOSSA CONTINENCIA!!!

Bibliografia:

- OS PATRONOS DAS FORÇAS ARMADAS - DR. OLYNTHO PILLAR – Gen Div R/1 – Biblioteca do Exército – Editora – RJ – 1966.
- HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL – II VOLUME – PEDRO CORDOLINO F DE AZEVEDO – GEN. PROFESSOR – IMPRENSA NACIONAL – 1.952.
- REMINICÊNCIAS DA CAMPANHA DO PARAGUAI - DIONISIO CERQUEIRA – BIBLIOTECA DO EXERCITO – RJ- RJ. 1865-1870.
- DICIONÁRIO DAS BATALHAS BRASILEIRAS – HERNANI DONATO – 2001.
- EPISÓDIOS MILITARES – GEN JOAQUIM S. DE AZEVEDO PIMENTEL – 1978.
- HISTÓRIA DA FORÇA ÁEREA BRASILEIRA – BRIGADEIRO DO AR - NELSON FREIRE LAVENÉRE – WANDERLEY – 2ª EDIÇÃO - 1975
- Arquivo e Biblioteca do Autor.

O "SOFT POWER" E O MITO DO ALINHAMENTO

NELSON DÜRING - Editor do site Defesanet.com.br
(Fonte: edição de ZH de 15/16 Ago 2020, Caderno "doc")

A eleição de Jair Bolsonaro levou a uma concepção de que as ações do governo brasileiro estariam automaticamente alinhadas com a administração de seu colega Donald Trump.

Algumas ações iniciais no sentido de alinhamento, como a tentativa frustrada de entregar alimentos à Venezuela, em Pacaraima (RR), em 23 de fevereiro de 2019, levantavam o espectro de uma interferência militar no país vizinho. Porém, desde cedo o Itamaraty e Bolsonaro tentaram descobrir com qual EUA falavam. Há vários interlocutores em Washington, entre os quais os departamentos de Estado e Comércio, o Tesouro, a Justiça e o Pentágono, vários desses com agenda própria e, em muitos casos, diferente da do ocupante da Casa Branca, independentemente de qual partido este seja.

Uma semana após a exitosa visita de Bolsonaro à capital norte-americana, em 18 e 19 de março do ano passado, o ministro da Defesa do Brasil, General Fernando Azevedo, foi recebido com honras no Pentágono pelo Secretário da Defesa Patrick Shanahan e pelo Chefe do Estado-Maior, General Joseph Dunford. A postura tímida brasileira só levantou suspeitas, pelo lado norte-americano, de até onde o Brasil queria ser seu parceiro.

Isso muito diferentemente de quando os presidentes George W. Bush e Luiz Inácio Lula da Silva encontraram-se na Casa Branca em 23 de junho de 2003. Aquela reunião, chancelada por pesos pesados como os diplomatas Tomas Shannon e Donna Hrinak, abriu o caminho para que o Brasil fosse indicado pelos norte-americanos para liderar a Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti (Minustah).

Surgiram desconfianças dos dois lados. Para os militares brasileiros, estavam sendo desviados de sua missão (?). E, para o establishment diplomático e militar de Washington, era um erro indicar os "inexperientes" brasileiros. "Enviem os US Marines que resolvem a situação do Haiti", afirmou o Washington Times.

A Minustah gerou dois efeitos importantes: um esforço de modernização das Forças Armadas Brasileiras, nos 13 anos que durou, e sua inserção no cenário internacional. Surge o "soft power" brasileiro na condução da missão: cordialidade sempre e ação quando necessário.

Nem tudo está perdido. Após quase 20 anos de eternas discussões e boicotes no Congresso Nacional, foi assinado o Acordo de Salvaguardas Tecnológicas (AST), documento básico que permitirá a empresas norte-americanas realizarem lançamentos do Centro de Lançamento de Alcântara (espacial). Porém, tecnologias disruptivas introduzidas nos últimos anos, como o operador SpaceX, poderão reduzir em muito as vantagens competitivas propiciadas pela localização geográfica de Alcântara.

Não foi fechado nenhum contrato com os EUA até o momento, e o mais emblemático é a indecisão do Exército Brasileiro em confirmar a aquisição do C-23 Sherpa, que criaria a aviação de asa fixa da força. Enquanto isso, a Argentina, que tem um governo hostil aos EUA, tem liberada a aquisição de viaturas blindadas Stryker com avançados sistemas de comunicação.

O alinhamento Brasil-EUA até o momento, pode-se concluir a partir disso, tem sido mais um mito do que uma realidade.

Comentários do Editor de O Tuiuti:

1) Os "inexperientes" brasileiros não eram tão inexperientes assim. Antes do Haiti tivemos diversas missões de paz. Quando o governo dos EUA nos pediu para enviar tropas para a Coreia no

início da década de 1950 e quando nos solicitaram tropas para o Vietnam não éramos inexperientes? Para o Haiti éramos “inexperientes”? Para outras “missões podres” não? Os brasileiros no Haiti evitaram tragédia maior, porque o país sempre foi muito sofrido por pobreza, maus governos e catástrofes naturais. “Mandem os Marines”! Como se os fuzileiros navais NA fossem os salvadores da pátria haitiana? Eles não teriam feito melhor que as FFAA brasileiras. O que teria acontecido com os marines “resolvendo” o problema haitiano, como aconselhava o Washington Post?

2) É necessária a devida cautela do Brasil e das FFAA em relação aos EUA. No passado, tivemos algumas promessas não cumpridas pelo “grande irmão do norte”. Países não tem amigos e sim interesses;

3) Nas décadas de 1960/70, os EUA abandonaram o apoio NA a Portugal em Angola, na luta contra a FNLA (1961 a 1974). Em seguida os NA, assustados com a influência soviético-cubana no país recém independente, pretenderam utilizar tropas “negras” brasileiras para intervir naquele país. Ainda bem que os nossos governos militares não caíram nessa esparrela, da mesma forma que na Coreia e no Vietnam;

4) Sobre a “indecisão” na criação da aviação do EB, ela não existiu. Cautela e prudência sim. E isso já foi explicado pela falta de verbas de manutenção da aviação de transporte da FAB, que conta com uma centena de aeronaves em terra, impossibilitadas de cumprir sua missão por falta de recursos. Nada contra, mas como criar “outra” aviação de apoio e transporte se já temos a FAB?

5) Sobre a Argentina, o vizinho país está com enormes problemas financeiros, que atingem os três ramos de suas FFAA. Os governos, ou seus generais, brigadeiros e almirantes, volta e meia anunciam aquisições de material moderno que não se concretizam. Parecem querer animar os seus desanimados militares. Sobre os “stryker”, os blindados anunciados são apenas “mais uma” das tantas “boas notícias” anunciadas e publicadas em sites e revistas militares. De acordo como o jornal argentino La Nación, o Ministro da Defesa da Argentina, Agustín Rossi, congelou a aquisição de blindados dos Estados Unidos, no valor de US\$ 100 milhões, e cuja autorização havia sido anunciada (<https://tecnodefesa.com.br/argentina-anuncia-que-nao-ira-adquirir-agora-os-stryker/>). “Congelar” significa “nem agora nem nunca”.

Esta é a opinião de O Tuiuti, sujeita a críticas, chuvas, trovoadas e tempestades...



O TÉRMINO DA MISSÃO MILITAR FRANCESA E O INÍCIO DA 2ª GUERRA MUNDIAL IMPACTO NO EXÉRCITO BRASILEIRO

Mário Luiz Rossi Machado¹

A Missão Militar Francesa atuou efetivamente junto ao Exército Brasileiro durante

20 anos (1920-1940), teve influência marcante na modernização da Força e na

¹Cel Reformado do Exército e Dr. em Ciências Militares. E-mail: rossimac@terra.com.br

profissionalização dos militares brasileiros, sendo destacada a sua atuação na área de ensino, atualizando processos didáticos e aplicando em exercícios em campanha os ensinamentos colhidos da vitória dos Aliados na 1ª Guerra Mundial, para todas as Armas e Serviços.

Passados quase 80 anos do encerramento das suas atividades, nos dias de hoje, ainda se encontram reflexos daquela destacada missão em nosso Exército.

Este texto, sem as pretensões de um trabalho acadêmico, está baseado na leitura, estudo e pesquisas de diversas obras e memórias de militares, bem como no arquivo de fotografias e coleções particular de manuais franceses, norte-americanos e brasileiros do autor e de sua vivência por mais de 35 anos de serviço no Exército.

O início da 2ª Guerra Mundial, em 1º de setembro de 1939, com a invasão da Polônia por tropas alemãs, levou a França juntamente com a Inglaterra a declararem

guerra à Alemanha. Na França iniciou-se a mobilização dos reservistas e os preparativos para o confronto.

No Brasil, mais especificamente na área de responsabilidade territorial da 3ª Região Militar - o Estado do Rio Grande do Sul ocorreram, de 11 a 17 de março de 1940, as manobras de Saicã², à época considerada a mais importante e de maior êxito das que foram realizadas até então. O tema dessa manobra visou, destacadamente, o emprego da Cavalaria.

As tropas foram uma Divisão de Infantaria e três Divisões de Cavalaria, além de Unidades diretamente subordinadas à Região Militar. Um efetivo da Brigada Militar do Estado participou figurando um Batalhão de Caçadores e um Esquadrão de Metralhadoras. Sobre essa manobra, como está registrado no Anuário do Exército de 1940, expressou-se o General Leitão de Carvalho, Diretor da Manobra:

Em síntese, o que objetiva a Manobra, com a concentração de toda tropa da Região e seu emprego em operações ajustadas à hipótese de natureza tática, é realizar uma sequência de trabalhos intensivos de combate, prosseguidos sem descontinuidade durante uma semana de vida em campanha, afim de que: - se exercitem os Comandos das Grandes Unidades Regionais na direção das operações e na conduta superior da tropa; - aluem, em situações as mais reais possíveis [...]; - se coroe o adestramento da tropa [...]; e - se amplie nos quadros hierárquicos o conhecimento objetivo da campanha rio-grandense [...].

As manobras, que foram realizadas com a maior regularidade e sem maiores incidentes contaram com a presença do Presidente Getúlio Vargas, General Eurico

Gaspar Dutra, Ministro da Guerra; General Góes Monteiro, Chefe do Estado-Maior do Exército; General Chadebec de Lavallade,

² Hoje Campo de Instrução Barão de São Borja (Tenente-General Vitorino José carneiro Monteiro).

Chefe da Missão Militar Francesa e seus estados maiores.

Por ocasião da crítica, além dos oficiais brasileiros, também falou o Gen Lavalade, onde praticamente afiançou a capacitação do Exército Brasileiro em planejar e conduzir operações militares em nível de Corpo de Cavalaria.

No Brasil, a evolução da guerra europeia era acompanhada pelo governo e militares e fomos alvo de intensas operações psicológicas e pressões diplomáticas de vários países.

Em 10 de maio de 1940, a Alemanha iniciou a ofensiva na Europa Ocidental, atacando simultaneamente a Holanda, Bélgica e a França. Terminava a “Guerra Sentada”, caracterizada pelo imobilismo francês por aproximadamente seis meses, aguardando em altitude defensiva o desenvolver das ações.

Em 04 de junho 1940, os ingleses encerraram a evacuação da Força Expedicionária Britânica nas praias francesas de Dunkerke e, em 14 de junho do mesmo ano, os alemães entraram em Paris, para a estupefação mundial.

Em menos de oito semanas de combate, a França capitulou em 22 de junho de 1940.

E aqui no Brasil, qual foi o impacto daquela derrota?

O que foi ensinado e aplicado a todo o Exército Brasileiro durante 20 anos pela

Missão Militar Francesa, em menos de dois meses fora jogado por terra.

Há quatro meses havíamos concluído as grandes manobras de Saicã, de março de 1940, quase um coroamento dos trabalhos da Missão Francesa no Brasil. O que aconteceria agora no Exército Brasileiro? E os ensinamentos e doutrina francesa transmitidos nas diversas Escolas Militares seriam logo abandonados?

Inicialmente vamos retroceder um pouco no tempo. Em que pesem os quatro contratos e suas prorrogações, os efetivos da Missão Militar Francesa foram sendo reduzidos à medida que os objetivos eram atingidos, mesmo que parcialmente.

Em 1936, foi estabelecida uma Missão Militar Norte-Americana com a finalidade de dotar a nossa Artilharia de Costa com meios móveis, possibilitando uma melhora na defesa da costa que era estruturada em Fortes e Fortalezas na Capital Federal, à época, a cidade do Rio de Janeiro, e em outras importantes cidades portuárias do País.

Nos anos de 1937 e 1938, o Exército Brasileiro celebrou com a empresa Krupp da Alemanha importantes contratos de compra de material de Artilharia de Campanha e Antiaérea. Aquela nova missão e os contratos de fornecimento de armamento foram estabelecidos sem nenhuma contestação pelos integrantes da Missão Militar Francesa (MMF).

Em 1937, por ocasião do Estado Novo, o General Góes Monteiro, Chefe do

Estado-Maior do Exército defendia juntamente com outros oficiais a necessidade da busca de uma doutrina militar genuinamente brasileira.

A notícia da queda da França causou surpresa, impacto e incerteza sobre como estaríamos preparados para uma guerra, pois a França e seu exército foram a nossa referência militar por cerca de 20 anos, e agora tão rapidamente derrotada pela máquina de guerra alemã.

Logicamente isso causou apreensão na oficialidade do Exército Brasileiro e instou ao governo a reajustar o seu posicionamento no cenário internacional, pois necessitávamos de uma base siderúrgica para alavancar nossa indústria, novos armamentos, navios e aeronaves para garantir a neutralidade e melhorar a defesa de nosso imenso território e litoral.

Em dezembro de 1939, a Batalha Naval do Rio da Prata, que resultou na perda do encouraçado de bolso alemão “Graf Spee”, próximo a Montevideo, trouxe o sopro dos ventos de guerra para os países platinos.

No ano de 1940, em plena guerra, a Alemanha prestou uma homenagem ao Exército Brasileiro, na qual foram agraciados com a Grã-Cruz da Ordem da Águia Alemã o General de Divisão Eurico Gaspar Dutra; Ministro da Guerra e Pedro Aurélio de Góis Monteiro, Chefe do Estado-Maior do Exército; e com a Cruz do Mérito de 1ª Classe da Ordem da Águia Alemã os Coronéis Álvaro Fiuza de Castro; Canrobert Pereira da Costa

e o Tenente-Coronel Henrique Ricardo Hall. Os discursos de praxe evidenciavam a necessidade de manter atualizado o Exército para a Defesa da Pátria e exaltava o esforço pela manutenção da neutralidade, como registrado no Anuário do Exército de 1940. Essas homenagens reforçaram a ideia de que o Exército Brasileiro simpatizava com o Governo Alemão.

A dificuldade em manter as relações comerciais com a Europa, seguido dos torpedeamentos de navios brasileiros, levaram em janeiro de 1942, ao rompimento das relações diplomáticas com a Alemanha e a Itália, e na continuidade dos torpedeamentos, em agosto de 1942, foi declarado o estado de guerra contra aqueles países.

Nesse período cresceu o valor estratégico do Saliente Nordestino Brasileiro, mais especificamente, a cidade de Natal, onde foi instalada a Base Aérea Norte-Americana de Parnamirim, facilitando as ligações aéreas da América do Norte com o Norte da África, e posteriormente com a Europa. Um plano defensivo fora estabelecido para a defesa do nosso Nordeste, enquanto no Sul do Brasil outros planejamentos eram elaborados para o controle da população de origem ítalo-germânica e o efetivo do exército ampliado para fazer frente à Argentina, que permanecera neutra, mas demonstrava grande simpatia pelos países do Eixo.

Em 1943, com o encontro dos presidentes do Brasil, Getúlio Vargas e o norte-americano Franklin Delano Roosevelt, na

cidade de Natal, foi acordado que o Brasil participaria da guerra com uma força expedicionária ao lado dos aliados, estruturada dentro dos padrões norte-americanos, ou seja, combateríamos dentro da doutrina norte-americana.

Para tal, vários oficiais brasileiros destinaram-se aos Estados Unidos, onde foram instruídos e treinados para combater dentro da nova doutrina, mas a tropa em sua maioria continuou seus treinamentos, seguindo a doutrina francesa, face à reduzida quantidade material norte-americano disponibilizado para o adestramento.

Constituída a Força Expedicionária Brasileira (FEB), ela foi designada para combater na Itália. Em 1944, lá chegando, boa parte do efetivo teve que ser adaptada ao novo armamento e passar pela Escola de Pelotão do Exército Norte-Americano, antes de ser considerada apta para o combate.

Terminada a guerra e com a vitória dos aliados, o Exército Brasileiro naturalmente passaria a adotar a doutrina norte-americana.

Mas o que aprendemos com a Missão Militar Francesa foi imediatamente substituído pela doutrina e procedimentos norte-americanos?

Para responder a indagação acima trataremos de alguns aspectos interessantes

“O.G.O. com 11 itens, bem no modelo francês com que vinha eu de fazer o Curso de Estado Maior. [...]. Ainda não era, pois, corrente entre nós, o uso de ordens de combate padronizado com apenas cinco itens, como era usado pelo Exército Americano”.

O Marechal Castello Branco, anos mais tarde, falando da FEB, mostrou que

e dos reflexos dessa Missão Militar Francesa, que ousamos afirmar que perduraram no nosso Exército por muito tempo.

O Coronel Lima Brayner, Chefe do Estado-Maior da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, 1929, como Capitão, foi auxiliar de instrutor da MMF.

O então Major Humberto de Alencar Castello Branco, antigo Instruindo da Missão Francesa e possuidor do Curso da Escola Superior de Guerra (similar à nossa ECEME) na França, em 1943, era o Instrutor Chefe do Curso de Infantaria da Escola Militar do Realengo. Ao ser designado para a FEB, onde seria o Oficial de Operações, realizou o estágio de Estado-Maior nos Estados Unidos, antes de seguir para a Itália.

O Capitão João Bina Machado, por sua vez concludente da Escola de Estado-Maior em 1944 e voluntário para a FEB, após um curto período no Depósito de Pessoal foi designado para o Regimento Sampaio, onde exerceu as funções de Adjunto da 3ª Seção (Operações) e em suas memórias militares, registra sobre a Ordem Geral de Operações nº 9, do 1º Regimento de Infantaria, datada de 19 de fevereiro de 1945, que regulava as ações do Regimento no vitorioso ataque ao Monte Castelo, da qual fora o redator (atenção para isto):

“a nossa mentalidade defensiva, de modo algum alterada pela MMF, até pelo contrário, mantida e estimulada pelos reflexos do quadro europeu [...] a nossa FEB só dela se liberou [...] depois de suas ações ofensivas vitoriosas”.

O idioma francês até o final da 2ª Guerra Mundial era reconhecido como o idioma oficial das Relações Internacionais. Nas tratativas dos oficiais brasileiros e alemães para a Rendição da 148ª Divisão Alemã, em abril de 1945, após os combates nas regiões de Collechio e Fornovo, na fase final da guerra na Itália pela FEB, o idioma utilizado foi o francês. Os coronéis Lima Brayner e Nelson de Melo, Comandante do 6º Regimento de Infantaria, e o Tenente-Coronel Castello Branco, principais responsáveis pelas negociações e execução das ações daquela rendição, de aproximadamente 15.000 alemães e italianos, utilizaram os conhecimentos do idioma francês obtidos na convivência com os instrutores franceses tanto no Brasil como na França, bem como no estudo dos regulamentos (manuais franceses) que eram muitas vezes adquiridos nas livrarias do Rio de Janeiro.

Na Escola Militar de Realengo, desde 1920 e na Escola Militar de Resende (atual AMAN), até a turma de 1946, os oficiais foram formados nos padrões franceses; levando em consideração que os últimos oficiais gerais da turma de 1946 deixaram o serviço ativo por volta de 1991, apesar de seus cursos de aperfeiçoamento e estado-maior terem sido realizados nos anos 50 e 60, já dentro da doutrina norte-americana, a formatação dos padrões e valores militares

do início da carreira ocorreram sob a influência do modelo francês.

Mesmo a guerra tendo findado na Europa e a FEB regressado ao Brasil, em 1945, o processo da substituição da doutrina francesa pela norte-americana foi lento e estendeu-se por vários anos.

Cita-se como exemplo a Unidade de Artilharia de São Leopoldo, no RS. Ao terminar a guerra em 1945, aquela Organização Militar era dotada com Canhões da Montanha Schneider de 75 mm, desmontados e transportados em lombos de mulas. A posição dos canhões no terreno era linear não havendo a preocupação com a dispersão para evitar os ataques aéreos, e o tiro era conduzido pelo Comandante de Bateria. Para a defesa da posição de bateria havia as Metralhadoras Hotchkiss. O canhão e a metralhadora eram de fabricação francesa e foram adquiridos por influência da MMF. Nos acampamentos, as refeições dos oficiais eram servidas em mesas com toalha, pratos, copos e talheres.

No início da década de 1950, a Unidade passou a ser dotada com o material de origem norte-americana, recebendo os Obuseiros M101 de 105 mm, agora tracionados por caminhões e havia outras inúmeras viaturas motorizadas para as Comunicações, Topografia, Central de Tiro, etc., ocasião em que todo o efetivo teve que passar por uma

reciclagem. Desde a formação de motoristas aos procedimentos de tiro, conduzidos pelos observadores avançados e oficiais de reconhecimento, a técnica de tiro norte-americana permitia centralizar o tiro de Grupo (2 ou 3 Baterias); para a defesa aproximada e antiaérea foram recebidas as metralhadoras .50, mas o uso da mesa com toalha, pratos, copos e talheres para as refeições, para as atividades em campanha, continuaram; hábito ainda praticado em 1984, quando servimos naquela Unidade, já empregando os Obuseiros 155 mm M114.

Nas cerimônias militares e desfiles até os anos 80, muitas vezes marchamos sob a cadência dos vibrantes dobrados de origem francesa, tais como: “Regiment Sombre et Meuse”, “Paris-Belfort”(adotado em 1932 como hino da Revolução Constitucionalista de São Paulo) e “Marche Lorraine”, hoje considerados como dobrados de origem estrangeira e esquecidos pelos músicos. Nos dias atuais, a musicalidade marcial francesa ainda é executada por ocasião das cerimônias com a “Marcha dos Cônsules”, no momento da revista da tropa. Deixamos aqui a sugestão para que no período das comemorações do Centenário da Missão Militar Francesa, as nossas Bandas voltem a executar as tradicionais marchas francesas, que por muito tempo abrilhantaram as formaturas e desfiles da nossa tropa.

Já extinta a Missão Militar Francesa, a Biblioteca do Exército publicou em 1942 o livro “Comandar” de autoria do Ten Cel

Lebaud. Meu pai, aspirante a oficial da Turma de 1945 (Escola Militar de Resende) fez uso do mesmo até 1976, quando me passou, o li e reli diversas vezes até passar à reserva em 2008. Para minha surpresa, em 2012, a Biblioteca do Exército reeditou o “Comandar”. Em que pesem as modernas teorias anglo-saxônicas de liderança militar, ainda temos muito da arte de comandar baseada em vivências francesas, tal como no desenvolvimento do valor moral da tropa, que nessa obra destaca a importância de três vertentes: Organizar, Instruir e Educar, aspectos muito válidos para um Exército, como o nosso, que recebe anualmente milhares de conscritos para o Serviço Militar Obrigatório.

Mesmo encerradas as atividades da MMF, a Biblioteca do Exército publicou ou republicou diversos títulos de autores franceses: “Ensaio sobre a Psicologia da Infantaria”, “Servidão e Grandezas Militares” (Alfred de Vigny); “A Minha Peça”; “A Arte de Ser Chefe”; “A Guarda Morre” e “Os Centuriões”, dentre outros.

Nos anos finais das décadas de 50 e início dos 60, dentro do quadro da Guerra Fria, o Movimento Comunista Internacional e seus polos irradiadores de Moscou, Pequim, Havana e Tirana, apoiou diversos movimentos de libertação nacional na Ásia e África. Em todos os países o MCI tinha como objetivo difundir sua linha ideológica e apoiava as atividades de subversão e guerrilhas com objetivo de expandir o comunismo pelo mundo.

A França, procurando recuperar o seu prestígio perdido por ocasião de rendição de 1940, enfrentou as insurreições na Indochina (1946-1954) e Argélia (1954-1962). Era um tipo de guerra diferente do último grande conflito mundial. No Brasil, alguns oficiais do Estado-Maior do Exército e instrutores da Escola de Comando e Estado-Maior (formados, e ainda sob influência da doutrina francesa) travaram conhecimento das publicações de militares franceses, que relatavam as suas experiências nos combates insurrecionais. Diversos artigos foram traduzidos e publicados nas revistas “Mensário de Cultura Militar”, pelo Estado-Maior do Exército e na Defesa Nacional.

Os estudos desses artigos deram origem à nossa doutrina de Guerra Revolucionária e Segurança Interna, que abriu caminhos para os planejamentos e engajamentos vitoriosos das forças legais nos combates contra os guerrilheiros e terroristas que tentaram implantar o comunismo no Brasil, nas décadas de 60 e 70.

Na segunda metade dos anos 80, encontramos no Regulamento de Uniformes do Exército o uso da boina, os frisos bem marcados na camisa bege de manga curta e os Distintivos de Bolso de Organização Militar. Isso tudo inspirado nos uniformes do Exército Francês e adotados no Exército Brasileiro após a visita à França do então Ministro do Exército, General de Exército Lêonidas Pires Gonçalves, um antigo Cadete da Escola Militar do Realengo, turma de 1942,

formado sob a influência da doutrina e costumes franceses.

Na gestão do General Lêonidas renasceu a Aviação Militar com o nome de Aviação do Exército, empregando as aeronaves de asas rotativas e após longo processo de estudos e análises, em certame internacional, foram escolhidos os modelos de fabricação francesa HB 350L1 – Esquilo (HA-1), hoje com quase 50% de nacionalização e AS-365 K Pantera.

Atualmente, confirmando o valor e o profissionalismo dos integrantes da MMF e dos brasileiros que a integraram como auxiliares de instrutor, no Exército, encontram-se em plena atividade estabelecimentos de ensino criados (ou aperfeiçoados) sob a influência direta daquela missão: Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais; Escola de Comando e Estado-Maior do Exército; de Educação Física e a de Equitação, as duas últimas de importante expressão na sociedade brasileira; a primeira como difusora e pioneira do ensino de educação física no Brasil, e a segunda como modelo para a equitação, destacadamente no adestramento, que ainda seguem a Escola Francesa.

Esta pesquisa teve a intenção de registrar que, mesmo com o fim da Missão Militar Francesa no Brasil, há quase 80 anos, e após o término da 2ª Guerra Mundial com a lenta adoção da doutrina militar norte-americana, o Exército Brasileiro na sua busca contínua do desenvolvimento de uma doutrina militar própria, em seus estudos doutrinários

e análises sobre equipamentos, armamentos, material de comunicações e aviação, considera o modelo e as experiências do Exército Francês como importante referência

entre os países possuidores de capacidade estratégica – operacional e de tecnologia militar desenvolvida.

BIBLIOGRAFIA

- BRASIL. Estado-Maior do Exército. **História do Estado-Maior do Exército**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1984.
- FORTES, Heitor Borges. **Velhos Regimentos**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1964.
- MACHADO, João Bina. **Minhas Memórias Militares**, s.n.t.
- MALAN, Alfredo Souto Malan. **Missão Militar Francesa de Instrução junto ao Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1988.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.). **Ditaduras Militares: Brasil, Argentina, Chile e Uruguai**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2015.
- PRIORE, Mary Del. **Histórias da Gente Brasileira**. República. Rio de Janeiro: Editora Casa da Pólvora, 2017.
- QUÉTEL, Claude. **História da Segunda Guerra Mundial**. Lisboa: Texto e Grafia Ltda., 2010.
- REVISTA DA ESCOLA MILITAR. Rio de Janeiro: 1943, 1944 e 1945.

A PRIMEIRA QUINTA COLUNA

Em outubro de 1936, quatro colunas de tropas nacionalistas avançavam para a capital republicana, Madri. Eram comandadas pelo general Emilio Mola, que declarou ter uma “quinta coluna” de partidários e simpatizantes fascistas que trabalhavam para ele na cidade. Desde então, a expressão “quinta coluna” passou a ser usada para descrever um grupo de traidores, que mina a autoconfiança da população – especialmente quando há ameaça de invasão.



Parceiros militares. O general Mola (à direita) com Franco, em 1º de outubro de 1936, na sua nomeação como caudilho, ou chefe político e militar.

VOCÊ SABE A ORIGEM DA EXPRESSÃO “QUINTA COLUNA”?

Foi na Guerra Civil Espanhola. Veja ao lado.

(Fonte: Seleções do Reader's Digest. **Grandes Acontecimentos que Transformaram o Mundo**. Rio de Janeiro: Seleções do Reader's Digest, 2000).

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AH-IMTB/RS (lecaminha@gmail.com)

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

Site do Núcleo de Estudos Estratégicos/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nucleo.com

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE – Delegacia Heróis de Guararapes: <http://historia-patriota.blogspot.com/>.